

Catalogo:

Galeria de Arte das Folhas"

Data:

29/10/1958

Local:

São Paulo.

instituto de arte contemporânea

alunos

DADOS BIOGRÁFICOS - ANA LETICIA

Nasceu em Petrópolis, Estado do Rio. Começou o estudo de desenho na Associação Brasileira de Desenho, Rio de Janeiro. Foi aluna de pintura de Iberê Camargo, Andra Lhote, Bustamente Sá e Ivan Serpa. Fez os estudos de gravura também com Iberê Camargo, com quem trabalha até hoje.

Participou do Salão Nacional de Arte Moderna em 1953 e nos anos subsequentes; do Salão Bahiano de Artes Gráficas; do Salão de Belas - Artes do Rio Grande do Sul; do Salão Municipal; de mostras do Museu de Arte Moderna de Belo Horizonte; da IV Bienal de São Paulo; do Salão Paratodos; e do Salão do Mar; expôs igualmente, na Petite Galerie, Rio; e no Diretório da Escola Nacional de Belas - Artes. Integrou, também, representações brasileiras no exterior, como dos Gravadores Brasileiros, no Uruguai, na Espanha, no México e na Alemanha. Expôs individualmente na Galeria GEA, Rio, 1958.

Alcançou Medalha de Bronze, no Salão Municipal, pintura, 1953; menção honrosa, no Salão Bahiano de Artes Gráficas, 1954; isenção de júri no Salão Nacional de Arte Moderna, 1957; e Prêmio de Viagem no Brasil, no Salão Nacional de Arte Moderna, 1958.

TRABALHOS EXPOSTOS

- 1 - Laranjas - água-forte, relêvo
- 2 - Laranja - água-forte, relêvo, água-tinta
- 3 - Velha - água-forte, relêvo, ponta seca
- 4 - Cavalos - água-forte, relêvo, água-tinta
- 5 - Tatu - água-forte, água-tinta
- 6 - Fruteira - água-forte, água-tinta, ponta seca, relêvo
- 7 - Fruteira - água-forte, água-tinta, ponta seca, relêvo
- 8 - Peras - água-forte, água-tinta
- 9 - Laranja - água-forte, água-tinta
- 10 - Romas - maneira negra.

ALUÍSIO CARVÃO

A viciada atitude de quem se opõe diante de um quadro "para fruir-lhe a poesia" já não ajudará em nada os visitantes desta individual de Aluísio Carvão na Galeria das FOLHAS. Essa atitude, na realidade, jamais ajudou alguém a compreender qualquer obra de arte embora certos aspectos superficiais da obra concorressem para a satisfação desse equívoco. Mas quando a arte se despoja de toda salusão subjetiva, para se manter, tanto quanto possível, no concentrado âmbito da experiência presente - atual - ou o espectador muda de atitude ou uma pintura como deste artista lhe parecerá vazia, árida, irritante.

Cumprir, pois, esperar de tais obras de arte não o que nosso hábito exige, mas o que elas tem para oferecer-nos. Aquí a matéria, a cor, a forma desempenham uma função nova. É verdade que, fundamentalmente, nesta como em qualquer outra pintura, a cor, a forma, compõem uma estrutura visual que é a própria obra de arte; o que difere, neste caso, é a função daqueles elementos dentro da estrutura. Na pintura de Carvão, a cor e a forma perdem toda e qualquer independência com relação à estrutura total do quadro, e está por sua vez não existe senão como função daqueles elementos. Poder-se-ia alegar que isso - ou mais ou menos isso - acontece com toda pintura, o que seria uma alegação injusta, de vez que a compreensão crítica cabe distinguir no geral e não submeter a este o particular. Não apenas em qualquer pintura, mas em qualquer percepção a estrutura total é produto das relações das partes. Na pintura de Carvão, o que acontece é que essas relações tem um caráter funcional preciso: não são apenas componentes, mas construtoras da percepção. Ele parece partir, conscientemente ou não, de uma dúvida da percepção natural, isto é, renegando toda construção que se de espontaneamente, instintivamente; analisa os elementos perceptíveis, examina-os, testa-os, e assim num complexo de análise e síntese que seus quadros nascem.

Daí por que, para compreendermos esta pintura, é necessário um novo comportamento em face da estrutura visual total que nela nos apresenta: é necessário vê-la não como um todo estático, o resultado acabado de um processo, uma estrutura espacial, mas antes de tudo como um processo em ação, como a função contínua de elementos dinâmicos que incessantemente fazem e refazem o todo - enfim, como uma estrutura espaço-temporal.

Carvão quer, quase sempre, mostrar uma estrutura pluridimensional, estrutura na qual o tempo desempenha o principal papel construtivo, já que é na transformação, repetição, agrupação, desagrupação e reagrupação das partes que está o sentido do quadro. O movimento, o tempo, age simultaneamente como fator sintético e analítico, organizando os elementos num todo e decompondo-o para recomê-lo. É uma pintura que nos circunscreve ao presente - um presente imediato, controlado, objetivo -, que nos detém nêle, oferecendo a nossa evasão um labirinto que apenas amplia o presente, pois sem dele sair, a ele nos devolve incessantemente.

No "Ritmo centrípeto - centrífuga", Carvão consegue, a meu ver, dar um sentido mais profundo a suas experiências, encontrando maior unidade entre forma e tempo. Neste quadro, não é a "composição" que produz o tempo - é a própria

forma que o traz em si mesma: é a forma que é essencialmente temporal. Eis por que, neste quadro, os dois movimentos - sintético e analítico - que governam a estrutura resultam ambos construtivos, isto é, sintéticos, uma vez que, ao fim de de um como de outro, temos uma forma coerente e precisa. Os dois movimentos se acionam mútuamente sem contudo perturbar a estrutura que se mantém como um signo durável de novas dimensões perceptíveis.

Ferreira Gullar.

DADOS BIOGRÁFICOS -- ALUISIO CARVÃO

Nasceu em Belém, Pará. Começou fazendo ilustrações para revistas. Dedicou-se por alguns anos a escultura e a cenografia. Mudou-se para o Rio, em 1949, e frequentou o curso orientado por Ivan Serpa, no Museu de Arte Moderna, do qual é professor hoje.

Além de pintura, desenho e escultura, trabalha em atividades gráficas. É professor de trabalhos manuais para crianças e pintura para adultos.

Expôs no Salão Paraense, no qual obteve prêmio especial em 1946. Promoveu exposições individuais, no Amapá, em 1947, no Centro Cultural Brasil-Uruguaí, em Montevideu, em 1949, e no Salão Assírio, no Rio. Participou da I Exposição Nacional de Arte Abstrata, em Petrópolis, em 1953; do II Salão Nacional de Arte Moderna, em 1953; da Bienal de São Paulo, 1953; do III Salão Nacional de Arte Moderna, 1954; da I Exposição Grupo Frente, no Instituto Brasil-Estados Unidos, 1954 do Mês Brasileiro em Paris, 1955; da Exposição de Artistas Modernos e primitivos brasileiros em Neuchatel Suíça, 1955; da Bienal de São Paulo, 1955; IV Salão Nacional de Arte Moderna, 1955; do Grupo Frente, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1956; do Grupo Frente, no Itatiaia Country Club, 1956; do Grupo Frente, em Volta Redonda, 1956; da Exposição de Arte Moderna Brasileira, no Uruguaí, 1956; da Exposição de Arte Concreta, em São Paulo, 1956; da Exposição de Arte Concreta, no Rio, 1957; da Exposição de Arte Moderna Brasileira; na Argentina, 1957; da Exposição de Arte Moderna Brasileira, no Chile, 1957; na Exposição de Arte Moderna Brasileira, na Bolívia, 1957; da Exposição Internacional de Arte, em Tóquio, 1957; da Bienal de Pintura e Gravura, no México, 1957; do Salão Nacional de Arte Moderna, 1957; da Bienal de São Paulo, 1957; e do Salão Nacional de Arte Moderna, 1958.

TRABALHOS EXPOSTOS - ALUISIO CARVÃO

1 - Tema Triangular 5	-	Óleo sobre tela
2 - Tema Espaço-Triangular 2	-	" " "
3 - Estrutura Espaço-Triangular 5	-	" " "
4 - Estrutura Espaço-Triangular 9	-	" " "
5 - Estrutura pluridimensional	-	" " "
6 - Ritmo Centripeto-centrifugal	-	" " "
7 - Estrutura Plano-Espacial 3	-	" " "
8 - Núcleo Tensivo -	-	" " "
9 - Estrutura Linear-Espacial 3	-	" " "
10 - Estrutura Linear-Espacial 7	-	" " "
11 - 3.257	-	guache sobre duplex
12 - 3.158	-	" " "
13 - 15.158	-	" " "
14 - 20.458	-	" " "
15 - 30.458	-	" " "
16 - 1.558	-	" " "
17 - 14.658	-	" " "
18 - 17.758	-	" " "
19 - 5.858	-	" " "
20 - 8.858	-	" " "

Instituto de arte contemporânea

Contudo, a especulação isolada de uma ou outra realização de Rubem Mauro Ludolf cede no aspecto funcional a necessária visão de conjunto. Aquí se estabelece definitivamente o interesse presente e futuro pelo seu trabalho, quando sobre a totalidade das peças expostas paira a constatação de uma disciplina rigorosa encaminhando uma série de pesquisas autênticas, livre das facilidades psíquicas, isenta de gratuidades.

Jose Lino Grunewald.

DADOS BIOGRAFICOS - LUDOLF

Nasceu em Maceió, Alagoas. Formou-se em Arquitetura pela Faculdade Nacional de Arquitetura, da Universidade do Brasil, 1955. Estudou com Ivan Serpa no Curso Livre de Pintura, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, vindo a integrar o Grupo Frente, com o qual expôs em várias ocasiões.

Participou da III Bienal de São Paulo, integrou o Grupo Frente no Museu de Arte Moderna do Rio e o mesmo Grupo Frente no Itatiaia Country Club. Figurou no V Salão Nacional de Arte Moderna, na Exposição de Arte Moderna Brasileira no Uruguai, na Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna de São Paulo e no Ministério de Educação. Possui painéis executados em edifícios do Rio e na rodovia Rio-Belo Horizonte, no Belvedere do viaduto sobre o córrego das Almas para o qual projetou painel, com mais de 40 metros de extensão.

Reside no Rio.

TRABALHOS EXPOSTOS

- | | |
|--------------------------|-------------------------|
| 1 - Espiral 1, 1957 | 11 - Espiral 5, 1957 |
| 2 - Espiral 2, 1957 | 12 - Crescendo 1, 1958 |
| 3 - Espiral 3, 1957 | 13 - Crescendo 2, 1958 |
| 4 - Vermelho, 1957 | 14 - Crescendo 3, 1958 |
| 5 - Preto Branco 1, 1957 | 15 - Crescendo 4, 1958. |
| 6 - Preto Branco 2, 1958 | |
| 7 - Ritmo 1, 1958 | |
| 8 - Ritmo 2, 1958 | |
| 9 - Quadrado, 1958 | |
| 10 - Espiral, 4, 1958 | |

Notas:

Premio Leiner de Arte Contemporânea - 1958

06 Expositores: Ana Leticia, Aluisio Carvao e Rubem Ludolf,
alunos do Ivan.

instituto de arte contemporânea